



REVISTA
Casa da

ISSN 1516-7712

GEOGRAFIA
de Sobral

A MÍSTICA DO SABER TOTAL: O GEÓGRAFO COMO ARAUTO DA SÍNTESE

The mystique of total background: the geographer as Herald of Synthesis

La mística del total conocimiento: El geógrafo como un heraldo de la síntesis

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo*

RESUMO

o pensamento geográfico tem origens desde que o homem pensou e agiu no espaço nos mais remotos tempos. Isto significa que fazer geografia é algo inerente à própria existência humana, pois é justamente na imbricação relacional entre o homem e a natureza que surge o mais profundo e profícuo, e, por que não dizer?, inesgotável campo de estudo dos geógrafos. Quando a Geografia institucionalizou-se como ciência, este mito do sabedor dentro o círculo da ciência que deteria a síntese total dos conhecimentos foi outorgada aos geógrafos. Com o decorrer das épocas históricas, o pensamento geográfico e a mentalidade e entendimento do espaço se alteram, rumando para novos horizontes, rompendo barreiras e alcançando patamares jamais dantes esperados. O que se observa é que, mesmo se distanciando de sua essência universalista por meio da inevitável especialização temática, a Geografia retorna ao seu fundamento mítico, e, consigo, traz sempre a reinvenção epistemológica do seu objeto de estudo, procurando abarcar as arestas adjacentes que, porventura, não contemplem esta condição primária. Estes são os pilares históricos, teóricos e metodológicos nos quais o presente trabalho irá se pautar, buscando contribuir com o enriquecimento epistemológico da Geografia.

Palavras-chave: História do Pensamento Geográfico. Teoria do Espaço. Filosofia da Ciência.

ABSTRACT

the geographic origins have thought since man thought and acted within the earliest times. This means that geography is doing something inherent to human existence, and precisely because the relational imbrication between man and nature that arises deeper and fruitful, and why not, inexhaustible field of study geographers. When geography was institutionalized as a science of knowing this myth among the circle of science that would hold the total synthesis of knowledge was given to geographers. In the course of historical periods, geographic thinking and mentality and understanding of space change, headed for new horizons, broke barriers and reached heights never before expected. What is observed is that even moving away from its core universalistic by unavoidable thematic specialization, geography returns to its mythic foundation, and always brings with it the reinvention of its epistemological object of study seeking to encompass the adjacent edges that they not contemplate this primary condition. These pillars are the historical, theoretical and methodological in which this work will be guided, in order to contribute to the enrichment of epistemological Geography.

Keywords: History of the Geographic Knowing. Space Theory. Philosophy of the Science.

RESUMEN

el pensamiento geográfico tiene orígenes desde que el hombre pensó y actuó en el espacio nos tiempos de la antigüedad. Esto significa que hacer geografía es algo inherente a la propia existencia humana, pues es justamente en la imbricada relación entre el hombre y la naturaleza que nace el más profundo y provechoso, y porque no, inagotable campo de investigación de los geógrafos. Cuando la Geografía fue institucionalizada como ciencia este mito del conocedor de entre el círculo de la ciencia que retendría la síntesis total de los

(*) Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), professor do Centro Ensino Fundamental 03 Paranoá – Contato: gcca99@gmail.com.

conocimientos fue otorgado a los geógrafos. En el curso de los períodos históricos, el pensamiento geográfico y la mentalidad y la comprensión del espacio se cambiaran, rumbaran para nuevos horizontes, rompió barreras y alzarán niveles jamás previstos. Observase que mismo alejándose de su esencia universalista por medio de la inevitable especialización temática, la Geografía reanuda al su fundamento mítico, y logra siempre la reinvención epistemológica de su objeto de estudio abarcando las asperezas adyacentes que no contemplan esta condición primaria. Estos son los pilares históricos, teóricos y metodológicos sobre los cuales pautarán este trabajo, con el fin de contribuir al enriquecimiento epistemológico de la Geografía.

Palabras-clave: Historia del Pensamiento Geográfico; Teoría del Espacio; Filosofía de la Ciencia.

O FARDO DO MITO DE CRIAÇÃO DA GEOGRAFIA

A razão é uma capacidade inata do homem. Em seu trato com o mundo que o circunda, é consequente o ato de pensá-lo e de agir sobre ele. Assim, esta capacidade cognoscível acaba por ser a fonte de onde provém a capacidade de erigir saberes e práticas, abrangendo questões que vão desde a formulação de teorias cosmogônicas e técnicas à construção de modos de ser e de viver em sociedade (CHAUÍ, 2005).

Desta forma, o pensamento racional no Ocidente se configurou, nos últimos séculos, como uma via de progresso (resultado já de sua própria concepção de tempo linear). Do período renascentista até o auge da modernidade, algumas perguntas foram feitas e refeitas, sempre tendo como objetivo primeiro a colocação de um ideal de racionalidade (KUHN, 2007). E é neste dissecamento do mundo pela razão que um dos pontos chave de todo o pensamento ocidental permaneceu dos antigos gregos à pós-modernidade, que é a maneira pela qual o fosso abismático de inteligibilidade entre o homem e a natureza seria ultrapassado. Estavam cravados os limites entre o sujeito e o objeto.

De uma maneira simplificada, podemos constatar a ocorrência de duas grandes correntes de pensamento que tentaram solucionar a dualidade homem-mundo. São elas: os racionalistas – cujos principais representantes são René Descartes, Isaac Newton e Immanuel Kant – e os empiristas – tais como Francis Bacon, Galileu Galilei e George Berkeley. De igual maneira, ambas as correntes fincaram uma fronteira de reflexão do ser humano, relegando a subjetividade à filosofia e à metafísica¹. Este cisalhamento entre a razão e emoção acompanha as ciências naturais e humanas até os dias atuais (KUHN, 2007; THUILLIER, 1994).

Muitas estratégias discursivas surgirão, tendo como fundamento tanto os idealistas racionais como os experimentalistas. Domingues (1991) cita como principais núcleos discursivos (e alguns dos seus principais representantes): a *Essencialista* (Espinosa e Port Royal); a *Fenomenista* (Montesquieu e Adam Smith); a *Histórica* (Karl Marx e Bopp); a *Hermenêutica* (Dilthey, Weber e Freud); o *Positivismo* (Comte e, em certa medida, Darwin); a *Estruturalista* (Lévi-Strauss).

¹ Numa referência historiográfica mais profunda, observaremos que a separação entre corpo e alma, o inteligível e o sensível possuem suas raízes já no pensamento socrático e platônico, quando são elaborados as distinções entre o mundo das ideias e o mundo real dos sentidos (CHAUÍ, 2005).

Estas diretrizes discursivas orientaram muitas correntes de filósofos, cientistas, políticos e todo um ideário em cada período em que as mesmas eram dominantes, por vezes complementando-se. No entanto, todas estas correntes tinham em comum, cada qual a sua maneira, propor uma explicação para os processos de conhecimento e ação do homem no mundo, sempre reverberando a herança divisória da racionalidade fortalecida na retomada do pensamento clássico grego.

É em meio aos interstícios deste cenário de afirmação da racionalidade ocidental que emergirá a institucionalização da Geografia enquanto ciência. Entretanto, as pretensões epistemológicas almejadas pelos geógrafos irão se propor a dar conta dos dois extremos de reflexão de toda a Ciência, que é o homem de um lado e a natureza do outro. Lembremos que outras ciências sociais, na mesma época, faziam uso de escopo teórico pautado na valorização objetiva de seus estudos, como foi o caso da história, da sociologia e da antropologia, mas é especial o contexto da formação da ciência geográfica em sua evocação de unir, num único ramo do saber, a dualidade sociedade e natureza (BAULIG, 1982; GOMES, 1997).

Por isso, é possível afirmarmos que a Geografia carrega uma herança mítica fundacional, que é a de ser a ciência da síntese dos saberes. A depender do ponto de vista, este fundamento originário se torna dúplice no quesito interpretativo; entendida, por vezes, como uma virtude: a dádiva do poderio discursivo digno do saber total, advindo da abrangência muito mais descritiva que explicativa das nuances existentes na relação entre o sujeito e o objeto.

Por outro lado, talvez seja uma leviandade tais pretensões holísticas. Nas prerrogativas de dispor-se a sustentar o peso do mundo nas costas desde o seu nascimento, a Geografia cede ao ver surgir rachaduras enunciativas na totalidade que carrega, sem ter a quem passar o seu ônus, mesmo que os que nela veem partes contributivas de suas particularidades metodológicas advoguem em posição contrária, indispondo-se igualmente a tal destino, como é o caso da Sociologia, História, Antropologia, Geologia, Economia e outras ciências coirmãs da Geografia².

Estas serão as diretrizes nas quais o presente artigo irá se pautar. Por meio de uma análise histórica e epistemológica, será apresentado um panorama sintético de como o pensamento geográfico oscilou nestas extremidades de sua origem, onde, recorrentemente, a ideia do saber total é retornada. Durante o texto, far-se-ão os aprofundamentos teóricos necessários para que a complexidade do tema proposto seja abarcada pelo discurso da análise. Ao final do percurso, espera-se contemplar as estratificações históricas da ciência geográfica perpassadas pela sua herança sintetizadora de métodos e concepções de pensamento.

² Na mitologia grega, Atlas era um dos titãs que se rebelou contra os deuses do Olimpo. Como castigo, o gigante foi condenado a sustentar o firmamento por todo o sempre. Hércules, no seu décimo segundo trabalho, que era buscar os pomos de ouro no Jardim das Hespérides, teve de solicitar a ajuda de Atlas segurando o suplício titânico por um período. Posteriormente, alegando fadiga pelo fardo, Hércules engana o Titã renegado, devolvendo-o, assim, à punição designada pelos olímpianos (BULFINCH, 2002).

O artigo se dividirá em dois momentos distintos em seus focos, procurando manter a coesão em seus intentos. Inicialmente, será tratada uma retrospectiva da noção de espaço dos gregos aos relativistas e pós-modernos; é importante ressaltar que não se trata necessariamente de uma visibilidade de uma ou outra disciplina, mas sim de tentar aproximar, ao máximo, do entendimento social do que era o espaço em cada período, ou seja, a mentalidade que se tinha a respeito do mesmo.

Dito isto, o segundo momento será voltado ao pensamento geográfico e seu movimento pendular entre a síntese e a análise. O importante é salientar que, apesar de haver claramente movimentos desmembradores, há uma espécie de eterno retorno ao fardo de criação da Geografia como saber total da síntese. Isto contribuirá no esclarecimento de algumas questões epistemológicas encontradas nas fronteiras teóricas, temporais e metodológicas, entre as correntes geográficas, alcançando, assim, o cenário contemporâneo da Geografia.

O ESTIGMA DE UM ENIGMA: O SER DO ESPAÇO

Pensar sobre o espaço sempre requisitou um grande esforço reflexivo e imaginativo, por se tratar de uma das perguntas que subjazem algumas das mais instáveis fronteiras entre o discurso racional frente aos limites fronteiriços das temáticas metafísicas como a diferença ontológica, a transcendência do ser, a imanência dos entes e, principalmente, no que se refere ao espaço, à noção de limite, de onde surgem questões sobre a infinitude ou não da extensão espacial.

Seguindo os passos propostos por Silva (2000), Ferreira (2002), Martins (2007) e Moreira (2008), que são claros exemplos do esforço geográfico na busca por uma ontologia do espaço geográfico, um percurso histórico e teórico há de ser efetuado. Como sugere Reis Júnior (2008), esta retomada temporal objetiva angariar alguns dos pontos fundamentais da historiografia geral e específica ao escopo geográfico atual e de antanho, que rechacem a hipótese do porque da obsessão epistemológica da categoria de espaço para os geógrafos.

Neste sentido, podemos elaborar uma adaptação temporal nos moldes propostos por Pierre Thuillier (1994) e Ivan Domingues (1991). Teremos, então, como picos periódicos, quatro grandes momentos: 1) a consciência espacial dos filósofos gregos; 2) a bidimensionalidade e obscuridade dogmática do espaço medieval; 3) a obsessão pela ordenação racional do espaço no renascimento e modernidade; e 4) a liquefação do espaço junto ao tempo, na desconstrução de discursos científicos pelas teorias quântica e relativa, e o posterior advento pós-moderno.

O pensamento grego em relação ao espaço pode ser dividido entre os pré-socráticos e os socráticos. Apesar desta divisão histórica dos pensadores helenos, uma característica perpassa com profundidade o

pensamento filosófico grego, que é a questão de se desenvolver e propor teorias de organização do universo, ou o cosmos, como assim chamavam, elaborando curiosos sistemas cosmogônicos (CHAUÍ, 1999).

Destas proposições, surgiram as diversas cosmogonias pré-socráticas, divididas entre o ser absoluto dos eleatas Parmênides, Zenão, Xenófanes e Melisso – chegando a ecoar nas reflexões do Ser em Martin Heidegger no século XX –, e defesa do caráter transitório da matéria dos jônicos como Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito e Anaxágoras – cujo embasamento filosófico chegaria a influenciar o pensamento dialético do século XIX. A cisão destas duas escolas se dará com Sócrates e Platão; o primeiro, na busca pelas perguntas fundamentais, e o segundo, na divisão do mundo entre sombras e luz de Platão; em parte, prosseguido por Aristóteles (SOUZA, 1978).

O interesse da ciência geográfica em buscar referências à forma como os clássicos pensavam o espaço pode ser visto nas colocações de Milton Santos (1996, p. 115), quando ele diz que “a noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade”. E, ainda de forma complementar, o inverso também se aplicará ao pensamento geográfico, ou seja, as partes ou, como diz o autor, às individuações. E nesta tensão entre o todo e a parte, o geral e o particular, a Geografia encontra raízes nos longínquos anseios totalizantes da filosofia grega (BAULIG, 1982).

Das cosmogonias gregas, surgiu a necessidade de dividir a amplitude espacial para melhor agir e gerir suas vicissitudes. Durante o período de desenvolvimento do Império Romano, o conceito de “região” irá refletir enfaticamente esta transição, pois a origem do termo vem do latim *regere*, que é “reger”, fazendo vincular divisões espaciais numa determinada área, refletindo notoriamente a realidade das incalculáveis extensões dos domínios de Roma em toda a Europa (CORREA, 1986; GOMES, 1997).

Esta ideia de região irá prevalecer por todo o período medievo, em especial na delimitação de jurisdições políticas nos inúmeros territórios advindos da queda do domínio romano. Estes redutos territoriais com autonomia política, militar, econômica e, por vezes, cultural, darão origem aos tão lembrados feudos medievais (MICELI, 1994).

O pensamento europeu da época estava vinculado intrinsecamente à realidade religiosa do catolicismo. A própria representação do espaço no período denota esta situação. Como demonstra Thuillier (1994), de Santo Agostinho e Tomás de Aquino, até os *trecento* e *quatrocento* dos pintores florentinos pouca coisa se alterou na Europa. A bidimensionalidade espacial do mundo como uma tábula rasa era visível nas amarras dogmáticas da Igreja, na não-admissão de qualquer contestação ou questionamento dos seus princípios neoplatônicos: a imanência profana do que é terreno, em detrimento da sublimação divina dos céus (CHAUÍ, 1994; MICELI, 1994).

O Renascimento ou Neoclassicismo – e, posteriormente, o Esclarecimento –, ao contrário do que se possa aparentar, representaram um período de mais de quatro séculos de alteração de uma mentalidade pautada pelas muralhas de dogmas milenarmente enraizados em todo o continente Europeu. Se, na Idade Média, vigorava a bidimensionalidade espacial, na Renascença e na Modernidade haverá um salto filosófico, artístico, técnico e científico em direção à tridimensionalidade e centralização do sujeito na ordem universal (THUILLIER, 1994; DOMINGUES, 1991).

Apesar de os quinhentistas e seiscentistas ainda terem grande influência da dogmática religiosa, tanto católica quanto protestante, será com os modernos que a cisão ao temor de vasculhar os mistérios da natureza atingirá o seu auge: não havia mais limites temporais ou espaciais para a racionalidade humana nos âmbitos celeste e terrestre: “Seu olhar não é mais o de um filho temeroso que a reverencia (*natura mater*) [...] mas o de um senhor que a submete a seus fins, pondo-a a seu serviço”. (DOMINGUES, p. 73, 1991 – grifos do autor).

Será justamente na efervescência da racionalidade científica que veremos esta postura de subjuogo do universo ao intelecto humano e à obsessão pela precisão das teorias³. O mais claro exemplo desta ambição epistêmica é o filósofo Immanuel Kant (2005) e seu projeto inquisidor a respeito dos limites aos quais a razão poderia ou não estar submetida. E esta sobrepujança dos modernos é que fornecerá o substrato dos primeiros registros de uma Geografia em estado pré-científico por meio de ensaios, teorias, e defesas de determinismos ambientais, como assim o fizeram Jean Bodin (1530-1596), Charles de Montesquieu (1689-1755), Alexis Tocqueville (1805-1859), Jules Michelet (1798-1874), Henry Thomas Buckle (1821-1862) (SODRÉ, 1984).

As ideias do espaço e tempo absolutos, formuladas por Isaac Newton, irão predominar nas principais matrizes de conhecimento científico e filosófico, até o início do século XX; como foram os casos do idealismo, historicismo e estruturalismo⁴. Nas proposições teóricas da Geografia Tradicional, esta concepção de um espaço contíguo demonstra-se amplamente nas tentativas dos autores, cada qual a seu modo, manifestarem seus interesses em estabelecer leis gerais de funcionamento do mundo.

Por fim, o maior choque epistêmico levado pela mentalidade humana desde a proposição das leis newtonianas vem à tona a teoria geral e especial da relatividade do físico Albert Einstein, esfacelando duzentos anos de solidez metafísica do espaço e tempo absolutos (THUILLIER, 1994; SANTOS, 1996). A junção simbiótica entre tempo e espaço ultrapassará o âmbito da física e ecoará nas principais formulações teóricas

³ “A ciência normal, atividade que consiste em solucionar quebra-cabeças, é um empreendimento altamente cumulativo, extremamente bem sucedido no que toca ao seu objetivo, a ampliação contínua do alcance e da precisão do conhecimento científico. Em todos esses aspectos, ela se adequa com grande precisão à imagem habitual do trabalho científico”. (KHUN, 2007, p. 77).

⁴ O filósofo alemão Immanuel Kant foi um dos propagadores das concepções de espaço absoluto e relativo de Isaac Newton em seus cursos de geografia. Já em seus escritos pré-críticos, Kant já demonstrava esta sua defesa do protagonismo do apriorismo cognitivo não só do espaço, mas também do tempo, que farão parte das concepções geográficas clássicas na Alemanha (KANT, 2005).

dos geógrafos, principalmente no período de transição da tradição regionalista para as novas correntes emergentes como a Nova Geografia, a ala crítica e a humanista (SANTOS, 1996; HARVEY, 1992).

Para a Geografia, o seu objeto de estudo, em pouco mais de cem anos desde a sua institucionalização como ciência, alcançará o seu *status* mais fluido em termos epistemológicos. Muitas foram as correntes geográficas, indo do naturalismo clássico ao neoculturalismo anglo-saxão, perpassando pelo possibilismo, marxismo e quantitativismo (GOMES, 1997; SODRÉ, 1984; SANTOS, 1996). Apesar de haver delineações discursivas diversas, o entendimento do espaço em sua importância categorial aos geógrafos será algo perene no decorrer do tempo.

Apresentado brevemente este percurso histórico da evolução da categoria “espaço” e sua mentalidade, chegamos então à pergunta: qual é a essência do Espaço? Para Armando Correa da Silva (2000), o que há de peculiaridade ao pensamento geográfico é a sua interiorização dos fenômenos espaciais por meio da consciência, de onde engendrará todo um entendimento individual técnico e simbólico, e, num plano escalar mais amplo, uma mentalidade geral, como as que foram apresentadas dos gregos aos modernos. O espaço, assim como o tempo, é o fundamento do próprio existir, estruturando a espacialidade e historicidade corporal e mental, indo além da percepção e chegando à imaginação, e definindo toda uma totalidade pensada e vivida⁵.

Para Ruy Moreira (2008), a essência do espaço geográfico está também vinculada nesta possibilidade de construção das espacialidades, o que o autor denomina por “visões de mundo”, e que podem ser colocadas como equivalentes à noção paradigmática de Thomas Khun (2007). Estas visões de mundo irão se alterar, imbricar e manifestar as principais características de como uma sociedade age e pensa seu espaço habitado.

Chegamos então ao que pode ser definido por fundamento geográfico do ser, nas palavras de Martins (2007, p. 39), “o nosso existir, e a consciência desse existir enquanto homens, dá-Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser, se, na medida em que designamos, conceituamos a realidade que nos cerca, ou seja, nossa alteridade, o meio.” Portanto, fica claro o porquê das mudanças do escopo teórico e metodológico, tanto da Geografia como das outras ciências naturais e sociais. As correntes geográficas podem diferir-se uma das outras, mas todas estarão voltando seus esforços ao espaço, no sentido cumulativo de saberes e informações que o expliquem.

A peculiaridade geográfica surge a partir do momento em que a mesma, já em seu surgimento, coloca como meta a proposta de um saber total, muitas vezes relegando cada qual para si própria a responsabilidade

⁵ “Pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, da qual tudo o que se disser é aparência. Mas a espacialidade não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma ‘coisa’, e é algo social, criado pelo trabalho. O primeiro precede a existência humana; o segundo nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta.” (SILVA, 2000, p. 18. Grifos do autor).

conceitual de atingir esta máxima totalizante, o que, com o tempo, se mostrou uma empreitada de esforços intangíveis e, por vezes, incognoscíveis, ocorrendo os inevitáveis desmembramentos em diferentes especializações temáticas (SANTOS, 1996).

Este será o ponto de partida para a segunda metade do presente artigo, onde serão tratados alguns dos principais pontos definidores das zonas de transição, complementariedade e diferenciação da história do pensamento geográfico em seu desenvolvimento. Ver-se-á que houve uma permanência à herança fundacional do pensamento geográfico, o que irá permanecer será o mito de criação da Geografia como sendo capaz de superar tanto a cisão ontológica da Ciência como também tratando das complexidades do ideário espacial de cada época.

OS ECOS UNIVERSALIZANTES DE UMA VOZ COMUM

Na antiguidade, muitos pensadores se preocuparam com a descrição das características terrestres – daí a explicação etimológica do grego *geo* > port. globo, planeta, mundo; *graphia* > escrita, descrição –, como, por exemplo, Heródoto, Hipócrates, Tucídides e Políbio (BAULIG, 1984). Seguindo a toada de *geo-grafar* o mundo, a escrita sobre espaço, enquanto totalidade e como conceito-chave do pensamento geográfico, obteve algumas nuances de entendimento ao longo da história da Geografia.

Os conhecimentos geográficos são vistos em diversos povos há centenas de anos, no sentido de catalogação de características físicas do meio, compilação de formas de costumes e a aplicação de instrumental matemático no aperfeiçoamento de medições territoriais e astronômicas⁶.

Como já mencionado anteriormente, com a ascensão da racionalidade científica frente à natureza, as primeiras incitações de cunho geográfico se configuraram como prelúdios de um determinismo ambiental primário, escamoteado pelo ideal colonizador das potências europeias, ficando, as colocações, em níveis superficiais e adensados por ideologias dominantes (SANTOS, 1996; SODRÉ, 1984).

No entanto, para que houvesse o salto de cientificidade na geografia, foi preciso a influência de dois movimentos do pensamento, já no século XIX. Trata-se do positivismo de Augusto Comte e o evolucionismo de Charles Darwin. Do rigor positivo viria a exigência do método, a primazia do experimento, a observação e a incessante busca pela ordenação dos conhecimentos existentes. Já da teoria evolutiva viria quase uma obsessão pelas relações diretas e indiretas do meio sobre os elementos que o compõem, transfigurando o

⁶ “Acumulou-se, assim, sob o rótulo de geografia, um repertório de informações as mais diversas sobre a Terra e sua ocupação pelos homens. O conhecimento esparso e extremamente diversificado, indo, desde os hábitos alimentares às riquezas minerais, dificultava a sistematização. A visão pontual e fragmentada do espaço geográfico, a partir do relato de especificidades e particularidades dos lugares, não dava margem a generalizações, nem ao desenvolvimento de um esquema interpretativo que permitisse à geografia fornecer o entendimento do mundo como um todo.” (FERREIRA, 2002, p. 920).

mundo numa representação orgânica máxima, onde tudo estaria relacionado de uma forma lógica e passível de explicação por leis (GOMES, 2007).

Este será o contexto de nascimento da geografia moderna. Em seu discurso, estarão presentes elementos de toda a história do pensamento europeu desde o período renascentista até as contribuições filosóficas do iluminismo. Portanto, quando Alexander Von Humboldt escreve o *Cosmos*,⁷ já em sua introdução, o autor ressalta, citando Kepler e Descartes como exemplos, que o objetivo maior de sua obra é encontrar “L’existence du lien commun qui enlace tout l’univers, et le gouvernement des lois éternelles de la nature” (HUMBOLDT, 1856, p. 2).

O interesse no desvelamento das leis que governariam a totalidade de tudo o que existe e ocorre no mundo será uma característica recorrente à Geografia. Podemos afirmar, junto a Amando Correa da Silva (2000), que designar o geográfico pelo que os geógrafos dele o fazem é beirar um enunciado estapafúrdio. Este equívoco se dá pelas variações paradigmáticas nas teorias e metodologias de estudo dos quais o espaço geográfico foi alvo ao longo da história, e não por uma escolha arbitrária e cisalhada dos estudiosos e suas respectivas pesquisas.

A Geografia Clássica originária do movimento de adoção do racionalismo positivo e do evolucionismo, além de ser o marco inicial do patamar científico, é também um paradigma geográfico bem definido em cujas delimitações temáticas estavam figurados o naturalismo, o protagonismo racional e o método descritivo como pilares de fundamentação epistemológicos.

A tríade dos principais representantes desse período – Alexander Von Humboldt, Carl Ritter e Friedrich Ratzel – expõe, quase que didaticamente, este contexto: os dois primeiros, com suas atenções voltadas ao projeto de uma ciência cosmogônica como ambição maior, e o terceiro, unindo toda a influência da centralização do papel do homem e sua ação no meio e sobre outros povos (SODRÉ, 1984, BAULIG, 1984; SANTOS, 1996; GOMES, 2007).

A evolução da Geografia Clássica se dará numa migração territorial do foco nas produções, partindo da Germânia para a França. Nesta migração, o viés naturalista da descrição da ordem geratriz do mundo dará lugar a um novo foco. Desta vez, voltado ao recorte e à estratificação temática dos compêndios de análise espacial. Esta é a total essência do ideário regional da geografia francesa do início do século XX. Estes são os fundamentos da continuidade do mito fundacional da Geografia, no qual estavam implícitos sua ambição do saber total, como diz Gomes (2007, p. 223). Esta era a continuidade do trilho da excelência do *método regional* para uma *geografia universal*.

⁷ Para os gregos, a palavra *kosmos* era o antônimo de *kaos*, ou seja, a primeira denota a ordem – ou, ao menos, a sua busca –, enquanto a segunda denota a desordem, a falta de uma lógica de funcionamento entre as coisas. (BULFINCH, 2002).

Haverá, além de um desenvolvimento notável das descrições por meio das monografias regionais, uma atenção especial à cartografia, tanto como método como sustentáculo para a diferenciação das áreas (CORRÊA, 1986). O espaço era entendido como um agregado de regiões como as mais diferentes características físicas e sociais. Por isso, tem afirmações como a de Dollfus (1978, p. 55): “o significado do espaço varia de acordo com os indivíduos e sua função, e segundo as épocas”.

O enunciado da responsabilidade em discernir, classificar, projetar cartograficamente e abarcar toda a profundidade temática de cada aspecto da região geográfica era o estandarte do geógrafo, num discurso permeado por uma densa potência epistemológica. Assim fizeram os herdeiros da Geografia Regional de Vidal de La Blache e seu possibilismo – segundo o geógrafo, para além da descrição, haveria uma fonte inesgotável de utilização e domínio do meio pelo homem, daí a referência às *possibilidades* – transformando-o em ação; a ação humana no meio e suas infindáveis utilidades e consequências.⁸

O legado do regionalismo na Geografia pode ser visto na quantidade considerável de representantes desta corrente como Alfred Hettner, Richard Hartshorne, Jean Brunhes, Elisée Reclus, Jules Sion, dentre outros (CHRISTOFOLETTI, 1982). No Brasil, apesar de a Geografia ter uma precedência pré-científica, que remonta aos anos de 1870-80, sua institucionalização se dará no início dos anos 1900 com notáveis geógrafos regionais franceses como Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines (SODRÉ, 1984).

O domínio da Geografia Regional durou por toda primeira metade do século XX, quando, após as duas grandes guerras, uma nova linha de pensamento começava a se esboçar no âmago da ciência geográfica. Esta renovação – ou até mesmo revolução, como, por vezes, é chamada – deu-se pela incursão do ideal neopositivista calcado num estaticismo, quantitativismo e em análises sistêmicas (CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2008; GOMES, 1997).

O principal cerne de desenvolvimento deste novo movimento geográfico foram os Estados Unidos da América e Inglaterra. O objetivo ainda se mantinha fiel a um saber universal. No entanto, um termo era enunciado frequentemente como referência aos seus ideais: *organização espacial*, que futuramente iria se tornar recorrente no reverso epistêmico dos quantitativistas, os radicais, mas que aqui se refere à sistematização, geometrização e renovação dos prenúncios da geografia moderna em encontrar leis gerais de ocorrência dos fenômenos naturais e sociais, sendo, agora, chamadas de modelos sistêmicos aplicáveis tanto à geografia física como humana; nesta última, por meio dos estudos comportamentais de enquetes e estatísticas (CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2008; CHRISTOFOLETTI, 1982).

⁸ “A originalidade do geógrafo consiste, na verdade, na forma e na flexibilidade de seu pensamento, em sua abertura para o mundo (ele sabe geografia!) e no caráter concreto de suas análises [...]. Em duas palavras, podemos dizer que, na procura, ele se esforça por utilizar todas as fontes e métodos possíveis, e, na apresentação, ele se volta, antes de mais nada, às convergências, isto é, às situações”. (GEORGE; GUGLIELM; LACOSTE; KAYSER, 1980, p. 310)

O ano de 1968 obteve um significado político e social na França, quando uma grande mobilização popular tomou conta do país. Inicialmente, as reivindicações se deram pelas vozes dos estudantes, mas, com o decorrer dos embates entre as forças do governo e os dissidentes, muitas pessoas aderiram ao que é denominado uma das maiores insurreições sociais do século XX, agregando questões educacionais, feministas, comunistas, anarquistas e trabalhistas (SODRÉ, 1984).

É neste contexto que emergirá a Geografia Crítica ou Radical, com uma proposta de inserção do pensamento marxista nas análises geográficas, retomando tanto textos clássicos de Karl Marx e Friedrich Engels, como adicionando às discussões a Teoria Crítica da racionalização técnica da Escola de Frankfurt e pensadores neomarxistas como Antonio Gramsci e Georg Lukács.

Dois geógrafos podem ser tomados como símbolo da transição paradigmática na forma de pensar o espaço geográfico neste período. O primeiro é David Harvey, que migra da escola neopositivista para a radical com foco na desigualdade concreta do modelo econômico capitalista no âmbito das cidades. O segundo é Yves Lacoste, quando este abandona suas raízes formativas da Geografia Regional para se voltar a uma profunda crítica à superficialidade das monografias regionais francesas frente aos problemas sociais cravados no espaço (GOMES, 2007; SANTOS, 1996).

No Brasil, uma gama considerável de geógrafos aderiu às proposições críticas da ala radical na Geografia. Também há geógrafos no âmbito brasileiro que transitam tanto pela análise crítica como pela cultural e humanista, como é o caso de Roberto Lobato Corrêa, Armando Correa da Silva e Ruy Moreira.

A principal contribuição da vertente crítica no pensamento geográfico será o trato histórico e dialético do modo de produção capitalista no espaço. Com isto, a técnica, como resultante processual da racionalidade ocidental, se torna o núcleo de transformação do meio, e, nesta relação dialética, é que surgirão as contradições de interesses culturais, ideológicos e econômicos entre as classes dominantes e os menos favorecidos (HARVEY, 1992).

No dizer de Milton Santos (1996), com o olhar voltado para este espaço dinâmico formado por sistemas de objetos e ações, é que o geógrafo dará conta da totalidade do mundo social e natural, novamente evocando para a Geografia o papel há muito lhe outorgado como sendo a ciência da sintetização dos métodos e teorias capazes de explicar as nuances em curso temporal e espacial dos homens e o mundo.⁹

Boa parte dos geógrafos radicais foi fortemente influenciada pela filosofia crítica de Henri Lefebvre, onde o imperativo é a atenção dada ao modelo capitalista de produção e sua capacidade de modelação das

⁹ “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. [...] Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.” (SANTOS, 1996, p. 63).

relações sociais e da materialidade, tendo como viés inicial e final a prerrogativa da *mais valia* (SODRÉ, 1984, GOMES, 2007; CHRISTOFOLETTI, 1982).

De uma maneira concomitante à ala radical, um novo campo de estudos emerge na Geografia, com a denominação de humanistas ou culturalistas.¹⁰ Estes geógrafos possuem sua raiz de influência nos estudos comportamentais de quantificação estatística da corrente neopositivista. No entanto, seu foco será a relação de afeição ou rejeição dos indivíduos ao meio em que vivem.

Tendo como método de análise para tal objetivo a fenomenologia de Edmund Husserl, juntamente com a influência de pensadores como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger, todos ligados à proposta de priorização da intencionalidade como ponto de partida para toda e qualquer incursão reflexiva de cunho filosófico ou científico (CHAUÍ, 1999; TUAN, 1982).

A Geografia Humanista tomará rumos em duas vertentes principais. Uma voltada aos estudos culturais, perscrutando os interstícios comportamentais que geram a gama de significações dos indivíduos no tempo e espaço, daí advindo a atenção dada à historicidade e espacialidade como fundamentos de sua análise (CORREA; ROSENDHAL, 2003; FERREIRA, 2002). Do outro lado, haverá uma preocupação mais próxima da filosofia, dando uma especial prioridade à diferença ontológica e ao papel do homem nesta relação, procurando, assim, admitir o fundamento da existência no espaço vivido, procurando delimitar as fronteiras do ser do homem no espaço, ou, como diria Martin Heidegger, o *ser-aí* (FAGGION, 2008; MOREIRA, 2008; SILVEIRA, 2002; SILVA, 2000).

Vimos no início deste seguimento do artigo que a Geografia surge como uma proposta de abarcar em si uma teoria e metodologia capazes de abarcar todos os fenômenos do mundo. Como era de se esperar, tal objetivo acabou se mostrando de inalcançável complexidade, de modo a surgirem divisões temáticas no seio da própria ciência geográfica, desmembrando-a em diversos campos disciplinares – ou correntes de pensamento –, que, segundo Antonio Robert de Moraes (2012, p. 3), são “resultado de uma tradição acadêmica articulada por determinadas filiações, com uma produção teórica e quadro conceitual próprios”.

E é a partir deste momento que surgirá um novo advento universalizante à Geografia sustentado pelo discurso da pós-modernidade, cuja principal característica é enfatizar a dissolução de alguns dos pilares dogmáticos da ciência moderna estabelecidos desde a institucionalização da racionalidade como meio de obtenção do progresso técnico. Essa crítica se dilui em várias áreas do conhecimento, como o Direito, Biologia,

¹⁰ “O que pode fazer o humanista? Falando de maneira geral, a competência de um humanista repousa na interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade. Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar. [...] O humanista mostrará como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados tanto quanto uma localização e um meio ambiente físico.” (TUAN, 1982, p. 162).

Sociologia, Filosofia, Economia, História e em alguns representantes da Física (MOREIRA, 2008; THUILLIER, 1994).

Na Geografia, alguns dos principais representantes dessa nova visão contemporânea podem ser observados em David Harvey (1992) e Edward Soja (1993). Ao primeiro, seguindo a máxima da derrocada das teorias gerais do projeto da modernidade, que fracassaram frente à instrumentação científica, fica a defesa da fluidez do espaço-tempo, anexando, para tanto, concepções que advogam em favor de uma crítica marxista atrelada a uma valorização simbólica das relações sociais no espaço.¹¹

Já pra Soja, a principal fonte de universalização do pensamento geográfico frente aos problemas sociais da contemporaneidade estaria numa releitura desconstrucionista do marxismo ortodoxo adotado pela Geografia Radical. Esta iniciativa seria uma forma de revigorar o potencial epistemológico da Geografia enquanto ciência, possibilitando a construção de um novo patamar de ação e reflexão geográficas.¹²

O que se pode observar ao longo de toda a evolução da história do pensamento geográfico foi uma constante releitura da essência da Geografia enquanto ciência. Vimos que a mentalidade a respeito do que é o espaço se alterou significativamente, ao longo do percurso histórico da humanidade, e, se os geógrafos são os representantes do ramo da ciência incumbidos de tratarem dos estudos ligados aos fenômenos espaciais, então, conseqüentemente, o seu trato teórico e metodológico com seu principal objeto de estudo passaria por algumas nuances de aplicação epistemológica.

A mística de criação da ciência geográfica firma-se primordialmente pela profundidade epistêmica do seu objeto de estudo, o espaço; desde a noção apriorística e absoluta do mundo em suas dimensionalidades espacial e temporal dos modernos, ainda permeados pela herança clássica de um discurso cosmogônico jamais abandonada. Sempre haverá uma sombra universalizadora à categoria de espaço, e, concomitantemente, aos geógrafos. O movimento de retorno a esta máxima faz parte da própria essência da Geografia, algo pendular, mesmo que se afaste, por vezes, em inevitáveis ramificações especializadas. O legado permanece, o caráter último de um mito é refazer-se, recriar-se e, assim, atinge sua a-historicidade: um eterno retorno.

O último sinal desta volta dos geógrafos às suas origens universalizadora são as recentes defesas do ramo ambiental como novo cadinho teórico capaz de suprir as lacunas e frestas distanciais entre as vozes das

¹¹ Nas práticas espaciais e temporais de toda sociedades, são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação, as relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre seu uso. A história da mudança social é, em parte, apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções. (HARVEY, 1992, p. 201).

¹² “Essa emergente geografia humana crítica pós-moderna deve continuar a se basear numa desconstrução radical, numa exploração mais profunda dos silêncios críticos dos textos, narrativas e panoramas intelectuais do passado, numa tentativa de reinscrever e ressituar o sentido e a importância do espaço na história e no materialismo histórico” (SOJA, 1993, p. 93).

correntes geográficas; assim o demonstram Suertegaray (2002) e Cidade (2001).¹³ O foco no meio ambiente se torna atemporal, contendo uma latente preocupação científica e filosófica.

Ao fazerem um resgate das fronteiras paradigmáticas da Geografia, e de como os caminhos epistemológicos dos conceitos, temas e métodos geógrafos persistem em sempre aderir à sua sina em ser, por pretensão ou mesmo essência, um saber total, almejando superar dualidades como: sujeito e objeto, homem e meio, sociedade e natureza, razão e emoção.

PARA ALÉM DE SÍSIFO... UMA VIA POSSÍVEL

A desenvoltura teórica é um dos traços marcantes da Geografia. Esta habilidade surgiu já no seu momento de sistematização, enquanto um ramo específico das ciências no século XIX, pois o projeto de sua constituição abrangia a união de dois extremos abismáticos, onde nenhuma outra ciência social ou natural havia tentado se aventurar: a natureza e a sociedade. Este é o ponto em que o seixo do escopo epistemológico da Geografia rola incessantemente, variando ora ao físico ora ao humano.

Retomando o raciocínio inicial do presente artigo, é visível que, a partir do momento em que a razão, que é capacidade inata de reflexão do homem, se transforma em uma racionalidade progressiva e técnica, a própria essência do pensar se esmaece. A obsessão em solidificar o discurso racional fez com que fossem tangenciados à relevância das incertezas, significações, subjetivações, desejos e emoções, transpondo-os à classificação de imperfeições do intento maior representado pela racionalidade.

O protagonismo da Geografia vem à tona por algumas das principais características inerentes a esta ciência como, por exemplo, suas divisões entre física e humana, ou geral e regional; num sentido inverso ao que é costumeiramente apresentado, o que por vezes é tido como o calcanhar de Aquiles teórico dos geógrafos, ou seja, sua abrangência temática é justamente o mais pulsante aspecto de suas pesquisas: ter a capacidade de transitar pelas diferentes áreas do conhecimento, fazendo uso de métodos e técnicas das mais diversas, transgredindo barreiras e construindo pontes entre setores do saber isolados entre si.

Nos dizeres de Boaventura de Souza Santos (2001), se os limites entre as ciências parecem dissolverem-se, então não há porque temer o sincretismo. O movimento que se observa na atualidade é que, devido à especialização frenética de temáticas distintas, houve, em contrapartida, cada vez mais uma necessidade de diálogo entre os representantes de cada campo específico de atuação.

Ora, se esta tendência ao sincretismo é o que a Geografia vê desde sempre em seu âmago, cabe aos geógrafos, professores de geografia e centros de difusão do conhecimento geográfico lidar com esta condição

¹³ É sabido que, na contemporaneidade, o emblema maior da filosofia e das ciências é dar conta da temática ambiental, representando um epicentro convergente de teorias. (CIDADE, 2001)

essencial do saber geográfico, sua multiplicidade focal de análise do mundo e do homem. Se o caminho atual pende mais para a especialização frenética, o que fica a nós é o movimento contrário, de união discursiva, teórica e metodológica da Geografia.

REFERÊNCIAS

- BAULIG, H. "A Geografia é uma Ciência?". In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. CHRISTOFOLETTI, A. São Paulo: Difel, 1982.
- BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis**. 26ª ed. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, A. "As Perspectivas dos Estudos Geográficos". In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CIDADE, L. C. F. "Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos". In: **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, p. 99-118, 2001.
- CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. [p. 5-19] São Paulo: Editora Ática, 1986.
- DOLFFUS, O. **O Espaço Geográfico**. 3ª ed. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- DOMINGUES, I. **O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- FAGGION, A. **É possível pensar a coisa em si?** In: Il Colóquio Kant: Coisa em si e Linguagem, São Paulo, 2008.
- FERREIRA, I. C. B. "A visão geográfica do espaço do homem". In: MENDONÇA, F; KOSEL, S. (Org.). **Epistemologia da Geografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- GEORGE, P; GUGLIELMO, R; LACOSTE, Y; KAYSER, B. **A Geografia Ativa**. São Paulo: Difel, 1980.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HUMBOLDT, A. "Introduction". In: **Cosmos: essai d'une description physique du monde**. Trad. Par H. Faye. Paris: Gide Et J. Baudry, Éditeurs, 1856. (p. 1-27).
- KANT, I. "Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível". In: **Escritos pré-críticos**. Trad. Paulo R. Licht dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9ª ed. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MARTINS, E. R. "Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser". In: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 21, p. 33-51, 2007.
- MICELI, P. **O Feudalismo**. 22ª ed. São Paulo: Atual Editora, 1994. (Coleção Discutindo a História).

MORAES, A. C. R. **Geografia, Interdisciplinaridade e Metodologia**.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

REIS JUNIOR., D. F. C. **História do pensamento geográfico: como lê-lo para interpretá-la? (as rotinas técnicas)**. 1º SIMPGEO, Rio Claro: UNESP/IGCE, 2008.

CAMARGO, J. C. G.; REIS, JUNIOR, D. F. C. "Filosofia (Neo) Positivista e a Geografia Quantitativa". In: VITTE, Antonio Carlos (Org.). **Contribuições à história do pensamento geográfico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007. p. 83-99.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. 12ª ed. Porto: Afrontamento, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SILVA, A. C. A Aparência, o Ser e a Forma - Geografia e Método. In: **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 2000.

SILVEIRA, M. L. "O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial". In: **GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo**, nº 19, p. 81-91, 2006.

SODRÉ, N. W. **A Ideologia do Colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, J. C. **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

SUERTEGARAY, D. M. A. "Geografia Física (?) Geografia Ambiental (?) ou Geografia e Ambiente (?)". In: MENDONÇA, F; KOSEL, S. (Orgs.). **Epistemologia da Geografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

THUILLIER, P. **De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica**. Trad. Maria Inês Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

TUAN, Y. F. "Geografia Humanística". In: CHRISTOFOLETTI, A. [Org.] **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.